

Brasileiros ainda estão otimistas

Thaís de Mendonça

A passagem de dois especialistas em renegociação da dívida externa — o subsecretário de Relações Exteriores do México, embaixador Sérgio González Galvez, e o subsecretário do Tesouro dos Estados Unidos, David Mulford —, por Brasília, nas últimas 24 horas, não parece ter sido apenas obra do acaso. Autoridades diplomáticas vêm nisso um sinal de que a questão começa a mobilizar mais intensamente os credores internacionais para a realidade da América Latina, que paga por dia US\$ 100 milhões de juros de sua dívida.

O embaixador González, que

começou anteontem sua visita de quatro dias ao Brasil, lembrou que a dívida mexicana de US\$ 102 bilhões levou um ano de negociações e o ajuste final só foi assinado em fevereiro deste ano. Uma peça fundamental para o processo foi o apoio do Tesouro norte-americano, que facilitou os contatos com os organismos internacionais e com os banqueiros privados a fim de que eles aceitassem o *menu* proposto pelo país.

Com um plano de restrição aos gastos públicos — que acabaram conseguindo uma redução de 50% em 89 —, o governo do presidente Carlos Salinas não só reduziu a dívida para US\$ 72 bilhões, como baixou a inflação anual de 200% em 87 para 20% atuais. Das 350

estatais, restam apenas 70. Estão à venda a companhia telefônica nacional e várias siderúrgicas, depois da privatização de duas empresas de aviação.

O embaixador González esteve anteontem com o ministro das Relações Exteriores, Francisco Rezek, e o presidente Fernando Collor e ressaltou que “nenhuma negociação pode ser tomada como exemplo”, pois os tipos de dívida variam. Reconheceu, no entanto, que o fato de o México ter obtido uma redução de seus débitos pode ser considerado precedente favorável para outros governos. “A comunidade internacional está consciente de que, se não se encontram soluções, isto pode afetar seriamente os países credores”.